

Apresentação

É já relativamente corriqueiro ouvir-se dizer que o conhecimento universitário é construído sobre três pilares fundamentais: ensino, pesquisa e extensão. Se isso tem realmente uma grande parcela de verdade, é, no entanto, insuficiente para definir as especificidades daquilo que é produzido pela Universidade: a distinção quase pedagógica desses três pilares pode soar como uma tripartição segmentada de ações e práticas distintas que subsidiam, cada uma à sua maneira, o próprio conhecimento universitário. Na realidade, a desejável indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão faz, dos três, muito mais que pilares: faz-lhes dimensões. Nesse sentido, muda-se a perspectiva: ao invés de se perceber, fragmentariamente, o conhecimento, que a Universidade constrói, como sendo alicerçado em três pilares distintos, isolados em suas

práticas específicas, ele passa a ser percebido como uma unidade, passível de ser observado em dimensões diferentes, mas sempre em permanente contato e diálogo, gerando interferência mútua, criando um dinamismo vivo e em perpétua reelaboração.

Essa é a beleza do conhecimento universitário, sempre irrequieto e questionador, mas por isso mesmo, sempre pronto a ouvir, descobrir, divulgar o que descobriu e aplicar o que aprendeu. Portanto, mais do que interferência da Academia na Sociedade, a extensão universitária é uma das forças motrizes da própria Universidade e uma das razões de sua saudável inquietude. Na dimensão da extensão, a Universidade ouve e age, procurando mudanças e transformações balizadas no diálogo permanente com o ensino e a pesquisa.

Quanto maior for a importância da Universidade na comunidade em que se insere, maior será a importância da extensão universitária, que acolherá demandas e as reverterá em ações. Isso não apenas aproxima a Academia da Sociedade, mas transforma uma em parte da outra. Nesse sentido, a Universidade – mormente a Universidade Pública – é inegavelmente uma instituição social cujo papel estratégico de conceber, divulgar e praticar as transformações (intelectuais, técnicas, científicas, artísticas, culturais ou filosóficas) não pode ser colocado em segundo plano.

Por isso, pode-se dizer que a UEMG tem uma vocação inata para a extensão. A sua presença em diversas regiões do Estado de Minas Gerais – do Alto Jequitinhonha ao Sul de

Minas, da Zona da Mata ao Triângulo Mineiro, da Capital ao Centro-Oeste Mineiro – traz-lhe as mais diversificadas demandas, em grande parte sociais. Sem a concepção indissociável das três dimensões do conhecimento universitário (ensino, pesquisa e extensão), essas demandas ecoariam sem êxito. Mas, na extensão universitária, elas se transformam em uma epifania, na medida em que a Universidade se vê capaz de concretizar visível e palpavelmente a sua missão cidadã de transformação social.

Os exemplos de extensão contidos neste volume são apenas uma pequena amostragem dos trabalhos, projetos, ações e intervenções que a UEMG realiza em Minas Gerais. Nem todas as unidades acadêmicas puderam ser contempladas aqui, mas é importante que se diga que nenhuma delas nem nenhuma ação de extensão tem menor valor que outra. A enorme monta dessas ações, que a UEMG produz ininterruptamente desde sua criação, há trinta anos, não caberia em uma única publicação. No entanto, procuramos traçar um panorama diversificado, abordando áreas de conhecimento distintas e apresentando ações que, em sua singularidade, demonstram a relevância da UEMG em Minas Gerais.

No entanto, é bem que se diga que a extensão universitária se concretiza em ações e que essas ações nem sempre são transformadas em relatórios ou artigos, mas em produtos, eventos, interferências, intervenções, ou práticas continuadas. Estes estão presentes, difusos e ativos em todo o Estado de Minas Gerais, nas regiões onde a UEMG está...

Porque a extensão não é apenas a letra, mas a letra, a ação e a voz.

Moacyr Laterza Filho